

A formação identitária em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*

Rebeca Bulcão da Silva

Mestranda em Letras – Literatura
Comparada

Universidade Federal de Pelotas

rebulcao@bol.com.br

Resumo: A obra *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2003) do autor moçambicano Mia Couto traz características que permeiam a questão da identidade africana, como o resgate das tradições e o hibridismo cultural. Ao regressar à terra natal, movido pela morte do avô, Marianinho, figura central do romance, vai se deparar com diversas mudanças ocorridas no território durante o período em que esteve distante, como a condição de ser estrangeiro em sua própria terra e a articulação dessas transformações a partir de seu contato com o “novo”. É por intermédio de cartas enigmáticas que lhe ditarão conselhos e revelarão importantes acontecimentos da ilha, bem como levarão o protagonista a refletir sobre a sua origem e a relação estabelecida entre a cultura africana e a europeia. Além disso, será designada a tarefa de reestruturar sua família e sua terra, pois ao se constituir como um indivíduo híbrido torna-se capaz de estabelecer o diálogo entre as culturas, preservando as tradições e os valores autóctones, sem desconsiderar a influência da modernidade.

Palavras-chave: Identidade. Tradição. Modernidade. Hibridismo

Introdução

O estudo das literaturas pós-coloniais ganhou destaque a partir das últimas décadas e, com elas, foi possível trazer para ficção questões pontuais que envolvem aspectos relevantes no campo históricos, políticos, sociais e culturais. Elas abriram espaço para uma nova abordagem e análise de aspectos que contribuíram significativamente para uma literatura menos excludente, no sentido de “ouvir as margens”, nesse caso, permitir que se ouvisse a voz dos excluídos do país que fora colonizado.

Com a independência, “o narrar a nação” acaba trazendo a tona conceitos como o nacionalismo e a identidade nacional.

Hall (2005) evidencia essa situação ao afirmar que

As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. (HALL, 2005, p.51)

A descolonização trouxe, entre tantas consequências, a necessidade de reafirmar e resgatar os valores ancestrais, bem como o legado da tradição e, com a influência colonial e o advento da modernidade, acabou gerando conflitos na busca pela identidade, contrastando com as diversas dicotomias existentes.

Pode-se verificar que países que passaram pela colonização sofreram profundas alterações que afetaram diretamente a constituição identitária de seu povo. No caso do continente africano, tais alterações ainda são mais complexas, pois além de ser formado por inúmeras comunidades, diferentes culturas e variadas línguas, tiveram que lidar com a influência europeia como a imposição da língua do colonizador, processos de assimilação, resistência e exploração, tornando-se mais difícil a pretensão de uma cultura hegemônica ou de uma identidade pura.

Moçambique é exemplo de um país recentemente descolonizado, que convive com essa relação entre o antigo e o novo e resiste em meio a um cenário de tensões e oposições. Tal situação é, em parte, consequência e reflexo das influências coloniais, em que valores tradicionais são contrastados com a modernidade, o que propicia esses conflitos na formação da identidade.

Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra é mais uma obra em que o autor moçambicano Mia Couto, além de se destacar pela originalidade na utilização da linguagem e pela presença do realismo fantástico, traz também características que permeiam a questão da identidade africana, como o resgate das tradições e o hibridismo cultural.

O próprio título do romance ao utilizar as palavras rio, tempo, casa e terra já remetem a elementos característicos da construção identitária como forma de representação no tempo e

no espaço. O rio e o tempo dão a ideia de continuidade e a casa e a terra, de origem.

Ferreira (2007) demonstra a utilização das metáforas presentes na nomeação da obra

O romance é composto por duas metáforas, patentes no seu título, que assentam nos dois elementos essenciais da essência humana: o tempo e o espaço. O rio, pelo seu fluir imparável, é uma representação universal do eterno ciclo da vida e da morte, da experiência da irreversibilidade do tempo vivido. Paralelamente a esta relação entre tempo e rio, surge a metáfora da casa-terra, que simboliza a casa como lugar da integração harmoniosa do sujeito na terra. (FERREIRA, 2007, p.456)

Em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, o autor evidencia a questão da formação identitária moçambicana na figura de Marianinho. Ao regressar à terra natal, ele se depara com diversas situações como as mudanças ocorridas no território durante o período em que esteve distante, a condição de ser estrangeiro em sua própria terra e a articulação dessas transformações a partir de seu contato com o “novo”.

Hall (2005) explica que a modernidade tardia tem causado uma modificação estrutural dentro da sociedade, bem como o indivíduo está se desestabilizando como sujeito integrado ou unificado, o que ele denomina de “crise de identidade”, o que ocasiona o “descentramento ou deslocamento” das chamadas identidades modernas. Esse deslocamento é, em grande parte, decorrente do processo de globalização que acelerou também as

migrações e as diásporas e permitiu que novas identidades surgissem.

A partir dessa análise é possível compreender, o que relata Hall (2005), que as identidades são dinâmicas e mutáveis e estão sempre em processo de construção. O sujeito apresenta-se como fragmentado, em busca dessa identidade, que se constitui híbrida pela interferência de inúmeras culturas. Marianinho é a representação desse indivíduo híbrido, situando-se no, denominado por Bhabha (1998), “entre-lugar” que pode ser compreendido como o espaço situado entre as fronteiras, onde as trocas e as negociações culturais são perceptíveis.

Seguindo a mesma linha de Bhabha (1998), Hall (2005) evidencia que pessoas que foram afastadas de sua terra de origem, ainda possuem vínculos fortes com suas tradições e seus valores. Elas são forçadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem que seja preciso serem assimiladas por elas ou perderem completamente a sua identidade, constituindo-se como o resultado do cruzamento de várias histórias e culturas. Na narrativa, percebe-se que tanto o avô como o neto Mariano são personagens que tentam estabelecer o diálogo entre as diferentes partes, mesmo que, em alguns momentos, seja tenso e conflituoso.

Conforme Woodward (2007), as identidades são construídas relativamente a outras identidades, ao que não é, e essa construção, geralmente, aparece na forma de oposições binárias. Em várias situações na narrativa essas dicotomias são apresentadas

como, por exemplo, o contraste entre a religião ocidental e as crenças africanas entre os membros da mesma família.

De acordo com a obra de Mia Couto, dois momentos significativos serão destacados e contribuirão na condução pela busca da identidade de Marianinho: a morte do avô que é o motivo de seu regresso, e as cartas enigmáticas que lhe ditarão conselhos e revelarão importantes acontecimentos da ilha. É por intermédio delas o protagonista refletirá sobre a história da ilha, bem como a relação estabelecida entre a cultura africana e a europeia. Assuntos que, apesar de serem aparentemente locais, podem ser observados em qualquer lugar que passou pela experiência da colonização e ainda trava conflitos para reafirmar as tradições e valores autóctones, sem negar a influência de outras culturas e da modernidade.

O rito de passagem: o encontro com o (des)conhecido

A narrativa inicia a partir da viagem de Marianinho à ilha Luar-do-Chão para o enterro do seu avô. Esse regresso à terra natal e à casa da família, Nyumba- Kaya, fará com que a personagem se reencontre com seus parentes, conheça as histórias da ilha e desvende segredos que até o momento estavam em suspenso.

A morte é como o umbigo: o quanto nela existe é a sua cicatriz, a lembrança de uma anterior existência. A bordo do barco que me leva à Ilha de Luar-do-Chão não é senão a morte que me vai ditando suas ordens. Por motivo de falecimento, abandono a cidade e faço a

viagem: vou ao enterro de meu Avô Dito Mariano.
(COUTO, 2003, p.15)

Já no primeiro parágrafo da obra a morte é evidenciada, e é por meio dela que os passos da personagem vão sendo orientados. Ao comparar a morte com um umbigo é revelada essa ligação entre os dois mundos: o espiritual e o material. Além disso, essa cicatriz simbolizada pelo umbigo remete ao conceito de reencarnação, a vida não é algo estanque e está sempre em processo de renovação.

Logo após, percebe-se que a morte de um ente querido deixa saudade, uma lacuna que não será preenchida e somente as recordações permanecem naqueles que continuam vivos.

A cicatriz tão longe de uma ferida tão dentro: a ausente permanência de quem morreu. No Avô Mariano confirmo: morto amado nunca mais para de morrer.
(COUTO, 2003, p.15)

O rito de passagem se refere tanto à morte do avô, como ao reencontro do protagonista com a sua terra que fora conhecida, mas que no momento ele não a reconhece, inclusive, ele mesmo é visto como um estranho ou um estrangeiro pelos habitantes e pela própria família: “Desconhecem-me. Mais do que isso: irreconhecem-me. Pois eu, na circunstância, sou um aparente parente. Só o luto nos faz da mesma família” (COUTO, 2003, p.29). Percebe-se que ao chegar à ilha, depara-se com a morte de Luardo-chão, a imagem degradante de abandono e miséria das ruas e

das casas e a morte em vida de todo um povo desiludido e sem esperança.

As casas de cimento estão em ruína, exaustas de tanto abandono. Não são apenas casas destruídas: é o próprio tempo desmoronado.[...] Dói-me a Ilha como está, a decadência das casas, a miséria derramada pelas ruas. (COUTO, 2003, p.27-28)

Segundo Ferreira (2007), na tradição africana a morte física não existe, ela nada mais é que um novo nascimento, a entrada para outro mundo. Não há lugar para dramas e nem profundas tristezas, é o ciclo natural da vida. Isso só é válido para as boas mortes, pois as mortes más não alcançam essa dimensão.

Em África, os mortos não morrem nunca. Exceto aqueles que morrem mal. A esses chamamos de “abortos”. Sim, o mesmo nome que se dá aos desnascidos. Afinal, a morte é um outro nascimento. (COUTO, 2003, p.30)

A morte assemelha-ser a um retorno à vida, por isso utiliza a metáfora de plantar para enterrar o corpo, o que dá a ideia de continuidade.

A palavra que usara? Plantar. Diz-se assim na língua de Luar-do-Chão. Não é enterrar. É plantar o defunto. Porque o morto é coisa viva. E o túmulo do chefe de família como é chamado? De yindlhu, casa. Exactlymente a mesma palavra que designa a moradia dos vivos. (COUTO, 2003, p.86)

Assim como a morte, a casa sem o telhado também simboliza esse rito de passagem, purificação do mundo terreno e libertação do espírito.

Mesmo ao longe, já se nota que tinham mandado tirar o telhado da sala. É assim, em caso de morte. O luto ordena que o céu se adentre nos compartimento, para limpeza das cósmicas sujidades. A casa é um corpo - o teto é o que separa a cabeça dos altaneiros céus. (COUTO, 2003, p.28-29)

O processo de constatar realmente a morte até o sepultamento do avô Mariano é o que delimita o desenvolvimento dos acontecimentos e o encadeamento dos fatos na narrativa. Até que as mentiras e os segredos sejam desvendados, o morto não está definitivamente morto e nem a terra lhe dá espaço para ser enterrado. Ele se apresenta em dívida com o seu passado e necessita reavivar a memória e, para isso, precisa de alguma forma narrar os fatos que se sucederam sem camuflar a verdade. E o neto acaba sendo este instrumento de comunicação que faz a ligação entre os dois mundos e nele são depositadas as esperanças da possibilidade de mudanças em Luar-do-Chão.

[...] Nem a morte de meu Avô aconteceria tanto. Quem sabe mesmo o Avô não chegasse nunca a ser enterrado? Ficaria sobrado em poeira, nuveado, sem aparência. Sobraria a terra escavada com um vazio sempre vago, na inútil espera do adiado cadáver. Mas não, a morte, essa viagem sem viajante, ali estava a dar-nos destino. E eu, seguindo o rio, eu mais minha intransitiva lágrima. (COUTO, 2003, p.18)

Outro fato que merece ser destacado é que o avô Mariano escolhe a figura de seu neto para conduzir as cerimônias e preparar o funeral, mesmo que isso seja contrário à tradição, já que deveria ser a função do filho mais velho. Esse episódio, no início da narrativa, demonstra um sinal de ruptura com a tradição, fazendo com que certos deslocamentos influenciem na determinação do legado ancestral, salientando a possibilidade da negociação cultural. Além disso, ele é incumbido da tarefa de proteger as mulheres e ser o guardião da casa, papel não designado aos outros filhos.

- Seu Avô queria que você comandasse as cerimônias. Meu pai se levanta, incapaz de se conter. Abstinência o puxa para que se volte a sentar, em calada sumissão. No rosto de meus tios disputam zanga e incredulidade. O Avô terá mesmo dito que eu iria exercer as primazias familiares? Que eu seria chefe de cerimônia, sabendo que isso era grave ofensa contra a tradição? Havia os mais-velhos, com mais competência de idade. (COUTO, 2003, p.32)

Tal escolha pode ser compreendida pelo neto estar distante e não contaminado pelo passado de lutas coloniais, ideais revolucionários nem mentalidades pós-coloniais. Ele é detentor de conhecimento e alguém que pode respeitar as tradições, é filho da terra, um elemento híbrido, capaz de fazer a união entre as culturas, preservando os valores e as tradições dos antepassados.

É interessante, ainda, destacar que cada filho do avô Mariano se situa em um período histórico de Moçambique. Abstinência é aquele que está preso ao passado colonial e reflete a consciência

do colonizado, Fulano Malta, tem ideais revolucionários, guerrilheiro que participou da guerra pela independência, porém tem receio que a modernidade apague as tradições, e Último é o completo assimilado que passa a fazer parte do governo pós-colonial, repetindo o mesmo modelo colonial de exploração e dominação sem valorizar o legado ancestral. Por isso, nenhum dos filhos poderia representar e nem conduzir o enterro do patriarca.

As cartas reveladoras: a conexão entre os dois mundos

É por meio de nove cartas que a comunicação entre o neto e o avô se estabelece. A princípio, o neto não entende por quem as cartas são escritas e o porquê delas estarem redigidas com a sua letra. No decorrer da narrativa, ele percebe que quem está lhe enviando as mensagens é o seu falecido avô. As cartas representam a conexão entre os dois mundos, essa relação entre o passado e o presente, entre o antigo e o novo.

Na primeira carta é ressaltado que cada ser é formado na sua essência por todos, incluindo os vivos e os mortos. Pode-se depreender que cada homem é constituído por suas histórias e tradições que carregam e transmitem aos seus descendentes.

Ainda bem que chegou, Mariano. Você vai enfrentar desafios maiores que as suas forças. Aprenderá como se diz aqui: cada homem é todos os outros. Esses outros não são apenas os vivos. São também os já transferidos, os nossos mortos. Os vivos são vozes, os outros são ecos. (COUTO, 2003, p.56)

A casa tem um importante papel na narrativa, pois o neto, ao retornar, toma contato com os costumes, os valores e o legado de seu povo. “*Você está entrando em sua casa, deixe que a casa vá entrando dentro de si*” (COUTO, 2003, p.56).

Na carta subsequente recebe orientação para ensinar Fulano Malta a ser pai e, aos poucos, o sentido da presença de Marianinho acaba sendo esclarecido. Ele torna-se significativo para a ilha, como se fosse a única esperança para aqueles que estão desacreditados e levam a vida sem sentido. Ele também é o instrumento para que a casa não seja vendida e, desse modo, sejam preservadas suas raízes e as tradições não se percam.

Você não veio a esta Ilha para comparecer perante um funeral. Muito ao contrário, Mariano. Você cruzou essas águas por motivo de um nascimento. Para colocar o nosso mundo no devido lugar. Não veio salvar o morto. Veio salvar a vida, a nossa vida. Todos aqui estão morrendo não por doença, mas por demérito do viver. (COUTO, 2003, p.64)

Na terceira carta é pedido ao neto que o enterro não seja realizado, pois ainda há muitas revelações a serem feitas e ele precisa conhecer mais intimamente seus familiares e, desse modo, ajudá-los nas suas condutas.

No decorrer da narrativa, percebe-se que as cartas vão contando histórias dos familiares e do povo, dando conselhos para que os conflitos pendentes sejam resolvidos, bem como auxiliar na aproximação entre seus familiares.

Em outra carta, é pedido a Mariano que visite o coveiro Curozero Muando. Curozero explicando que ainda não é o momento certo para o sepultamento, pois há segredos que ainda não foram revelados e enterrar o avô como “morto abortado” seria um atentado à natureza.

Na quinta carta o avô relata as causas de sua morte, justificando que já estava morto em vida, e até havia pedido ao médico para lhe diagnosticar alguma doença, pois sua vida era solitária e sem encantamento.

O avô Mariano, mesmo vivo, conta que já se considerava morto, sem esperanças e, enquanto não pudesse solucionar suas questões pendentes, ele permaneceria em estado de não falecimento “Enquanto vivo se dizia morto. Agora que falecera ele teimava em não morrer completamente.” (COUTO, 2003, p.37)

Nas duas próximas cartas são reveladas as causas pelas quais sua terra está morrendo. Ele relata que tudo começou com a morte de Juca Sabão, morador da ilha, ao transportar o carregamento do pó branco. O pó branco que traria riqueza eram drogas, mas Juca compreendeu ser adubo e acabou espalhando pela terra. No dia do enterro de Juca o avô lembrou-se de seu neto, pois só ele poderia salvar Luar-do-Chão. Novamente, percebe-se que a presença de Marianinho é fundamental para alcançar o objetivo da preservação do lugar, pois com ele é possível estabelecer o diálogo entre as culturas e a união entre tradição e modernidade.

No dia da cerimônia do pobre Juca me assaltou a certeza: você tinha que salvar Luar-do-Chão. Sim, faltava-nos um que viesse de fora mas fosse de dentro. Pensava isto enquanto sentia como na nossa Ilha se misturavam o respirar da vida e o sopro da morte. (COUTO, 2003, p.173)

Ele também afirma que a exploração e a influência colonial faziam com que as pessoas se modificassem, motivadas por interesses próprios, iam perdendo seus valores e, com isso, deixavam de serem elas mesmas. E ainda expressa que tal situação só seria revertida após o seu sepultamento.

Esta terra começou a morrer no momento em que começamos a querer ser outros, de outra existência, de outro lugar. Luar-do-Chão morreu quando os que a governam deixaram de a amar. Mas a terra não morre, nem o rio se suspende. Deixe, o chão voltará a abrir quando eu entrar, sereno, na minha morte. (COUTO, 2003, p.195)

Na penúltima carta, o mistério que ronda a origem de Marianinho é revelado, descobre que na realidade seu avô é seu pai e sua tia Admirança é sua mãe. Além disso, confia a suspeita que a arma que matou Juca Sabão foi aquela que ele havia roubado de Fulano Malta, seu pai hipotético. E apavorado, diante das circunstâncias, recupera a arma da esquadra e, para escondê-la, atira no rio. Sente remorso porque talvez também tenha sido responsável pelo assassinato e por não ter tido coragem suficiente para relatar o ocorrido. A partir dessas últimas revelações, diz que está pronto para ser enterrado, pois é “*um*

falecido inteiro, sem peso de mentira, sem culpa de falsidade.” (COUTO, 2003, p.238). Pede para ser sepultado nas margens do rio com a presença somente do cozeiro e do neto Mariano.

Na última carta, o rito de passagem é cumprido, Marianinho exerceu sua missão e o equilíbrio é restaurado. Não há mais segredos nem mentiras, logo as cartas deixarão de serem transmitidas, pois tudo já foi dito e revelado. E, para isso, retoma as palavras do neto “*a morte é a cicatriz de uma ferida nunca havida, a lembrança de uma nossa já apagada existência*” (p.260), demonstrando, novamente, o ciclo contínuo da vida.

O meio de comunicação entre os dois constitui-se muito mais que a união entre oralidade e escrita, pois essa ligação se reflete em uma forma de preservar Luar-do-Chão e a família. Essa situação é também observada por Ferreira (2007).

Desprovidos de voz “visível”, os mortos encontram na escrita um meio de comunicação privilegiado que lhes permite continuar a orientar os vivos. Os novos saberes assentam, assim, na conjugação da oralidade, das histórias que se contam, e da escrita, que permite perpetuá-las, eternizá-las, reunindo as diferentes gerações, culturas e saberes que fazem o Moçambique de hoje, numa tarefa comum e partilhada de salvação de uma casa, uma ilha e um país condenados à pior das mortes: o esquecimento e a descaracterização identitária. (FERREIRA, 2007, p.511)

As cartas são os instrumentos que fazem Marianinho resgatar a ancestralidade e reafirmar as tradições. Ao compreender os desígnios explícitos nelas, pode configurar uma relação entre os

antepassados, juntamente com sua experiência, com a responsabilidade de articular e reorganizar o local no qual está inserido. As ações do protagonista são a representação de que, além de ser necessário, há possibilidades de mudanças desse cenário moçambicano, ficcionalizado na obra *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*.

Ele não foi o escolhido somente para tratar do funeral do avô, ele foi o indivíduo indicado para compreender a história, resgatar o legado ancestral, mediado pela sua vivência e conhecimentos de outras histórias e culturas. Desse modo, desempenha várias funções nesse ambiente que está “entre a vida e a morte” e que, também, é simbolizado na iminente morte do avô.

Considerações finais

Percebe-se que com a modernidade a noção de identidade vem se modificando e não é mais considerada como fixa, mas dinâmica, fluida e mutável. Os constantes deslocamentos e a mobilidade entre as fronteiras têm possibilitado as trocas e a interação entre as diversas culturas, tornando as identidades plurais e hibridizadas.

A identidade não se caracteriza como algo pronto e acabado, mas em um processo de construção. Conforme os sujeitos vão sendo deslocados ou dispersados, mantém contato com diferentes culturas, influências e fatores que permitem que as identidades

negociem sem que se percam marcas características de suas raízes, assim como traços e particularidades da sua história.

A obra *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* consegue trazer para ficção várias questões relevantes para o estudo da identidade e da necessidade de comunicação entre as diferentes histórias e culturas. Verifica-se que a concepção de identidade cultural, conforme explicita Hall *apud* Woodward (2007, p.28), é tanto de “tornar-se” quanto de “ser”, não se deve negar o passado, mas ao reivindicá-la, têm-se uma reconstrução. Marianinho, figura central do romance, mantém essa relação, não relega suas origens, mas reconstrói a sua identidade.

Pode-se notar que essa posição também é retomada pela autora “[...] Não há novo sem velho. O velho lega a herança ao novo. O novo tem a sua origem no velho. Ninguém pode olhar para a posteridade sem olhar para o passado, para a história.” (FERREIRA, 2007, p.59 *apud* CHIZIANE, 2001, p.240)

A construção da identidade na obra se dá, reforçando a ideia de deslocamento, pelo retorno do protagonista a sua terra natal movido pelos mistérios que circundam a morte do avô. Ele não somente lida com recordações, conflitos e descobertas, mas também busca conhecer a si próprio. É por meio das reflexões, orientações e revelações apresentadas nas cartas que a narrativa se desenvolve e, é encarregado tanto de reestruturar sua família como a ilha, articulando com as diferenças existentes de forma que esse local possa abarcar e conviver com a diversidade étnica e cultural.

Desse modo, é possível compreender que a busca pela identidade é algo complexo, pois as identidades não são unificadas e nem singulares, constituem-se em um processo contínuo de múltiplas construções “ao longo discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos.” (HALL, 2007, p.108) e estão, constantemente, sujeitas a mudanças e transformações.

Referências:

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

COUTO, Mia. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

FERREIRA, Ana Maria T. Soares. *Traduzindo mundos: os mortos na narrativa de Mia Couto*. Disponível em: <<http://biblioteca.sinbad.ua.pt/teses/2007001353>>. Acesso em: 9 out. 2011.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10.ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

_____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2007.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2007.